



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA NATUREZA

JIOVANA LUNELLI

PROCESSO EDUCATIVO IMPLEMENTADO PELA COOPERATIVA DE
PRODUTOS ORGÂNICOS DO XINGU COOPOXIN: COOPERATIVISMO E
PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS

Brasil Novo, Pará

Junho, 2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA NATUREZA

JIOVANA LUNELLI

**PROCESSO EDUCATIVO IMPLEMENTADO PELA COOPERATIVA DE
PRODUTOS ORGÂNICOS DO XINGU COOPOXIN : COOPERATIVISMO E
PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS**

Orientadora: prof. Dra. Carla Giovana Souza Rocha

Brasil Novo, Pará

Junho, 2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L961p Lunelli, Jiovana
PROCESSO EDUCATIVO IMPLEMENTADO PELA COOPERATIVA DE PRODUTOS
ORGÂNICOS DO XINGU COOPOXIN : COOPERATIVISMO E PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS /
Jiovana Lunelli. — 2018
45 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Etnodiversidade, Campus Universitário de
Altamira, Universidade Federal do Pará, Altamira, 2018.
Orientação: Profa. Dra. prof. Dra. Carla Giovana Souza Rocha

1. Cooperativismo . 2. Organização. 3. Bioagricultura.. I. Rocha, prof. Dra. Carla Giovana Souza, *orient.*
II. Título

CDD 370.19

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me deu força, coragem e sabedoria, para concluir esta etapa da minha vida, que apesar de todas as dificuldades encontradas por mim, nunca me deixou desistir frente a todas adversidades que passei, acordava a cada dia com ânimo para seguir em frente.

Deixo aqui meu reconhecimento aos movimentos sociais do Brasil, de modo especial aos movimentos sociais da Transamazônica dos quais com muito orgulho faço parte, que almejava por uma educação que reconhece e valorizasse a diversidade e protagonismo dos homens e mulheres do campo. Mostrando que é possível trabalhar currículos onde há a possibilidade de trabalhar novas metodologias, produzindo e reproduzindo saberes, valores, tradições e conhecimento através do processo de ensino aprendizagem, trabalhando a pedagogia da liberdade como prática e ferramenta pedagógica, no sentido de diminuir as desigualdades sociais. Ao sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais que deu todo o suporte para o curso de Educação do Campo.

Meu agradecimento ao Presidente Luiz Inácio Lula da Silva que atendeu a reivindicação dos movimentos e através do decreto N. 7.352 de 04 de novembro de 2010, do curso de Educação do Campo, sendo que a partir desse momento os povos do campo teriam as mesmas chances e oportunidades de cursar uma faculdade pública, neste caso, formando professores com capacidade de enxergar o estudante do campo como um ser cheio de conhecimento, podendo optar por um currículo que respeite a pluralidade dos direitos sujeitos do campo em toda a sua amplitude.

Em nome professoras Maria do Socorro Dias Pinheiro e Raquel Lopes, reiterar meus agradecimentos a vários professores da UFPA, que juntamente com um grande coletivo, se dedicaram e na elaboração do projeto exitoso da implantação do curso de Educação do Campo na Faculdade de Etnodiversidade, pois sem o projeto este curso não teria sido instalado no Campus de Altamira.

Meus sinceros agradecimentos à minha família, aos meus irmãos Rubens Lunelli, Astreogilda Lunelli Santos, Alexandre Lunelli, Giovane Paulo Lunelli e Leticia Costa Lunelli, a todos cunhados, cunhadas e sobrinhos, meus irmãos que pela primeira vez pode ter a oportunidade de ter neste caso uma irmã estudando em uma universidade pública. A vocês também dedico este trabalho.

Ao meu querido companheiro João da Silva Araújo, que me incentivou a fazer a inscrição no curso, sempre acreditando em meu potencial, companheiro que sempre esteve ao meu lado até pelas madrugadas, me orientando, ajudando-me sempre dizendo que eu era capaz, obrigado por tudo, desculpe quando por muitas vezes tive que abdicar momentos contigo, para me dedicar a faculdade, mas em momento algum você me condenou, muito pelo contrário, sempre esteve ao meu lado nos momentos em que mais precisava de um ombro ou de calma para prosseguir.

Aos meus três filhos Vitor, Everton e Lucas, que sempre estiveram ao lado desta mãe que em determinados momentos precisou da ajuda de vocês e sempre foram solícitos fosse nos afazeres domésticos ou nos trabalhos acadêmicos, obrigado pela compreensão que sempre tiveram comigo, que Deus os abençoe sempre e que a luz do espírito santo possa guiar vossos passos. Gratidão por tudo.

A minha nora Ritieli por contribuir comigo em vários momentos tornando mais fácil minha jornada de estudos. Ao meu netinho Miguel, um anjo que Deus colocou em nossas vidas, seu sorriso radiante e iluminado me deixa sempre muito feliz e esqueço o cansaço do dia-a-dia e me instiga a prosseguir.

Aos meus colegas de faculdade que ao longo dos anos e com o enfrentamento das dificuldades encontradas os laços de amizade e companheirismo tornar-se muito forte. Obrigado a todos que contribuíram para diminuir as minhas dificuldades. Que esta amizade possa se fortalecer e que nosso grupo possa fazer a diferença na educação do campo em Brasil Novo. De modo especial a minha companheira, Cleide Maris Suk. Por sempre estar ao meu lado.

Obrigado a todo o corpo docente da Universidade Federal do Pará- Campus de Altamira- UFPA, que tenho orgulho em fazer parte. Vocês professores esforçaram-se dando o melhor de si mesmos para que nós pudéssemos alcançar nossos objetivos. Sempre respeitando as vivências e as particularidades de cada educando.

Meu agradecimento a todos os entrevistados da Cooperativos dos Produtos Orgânicos do Xingu- COOPOXIN, por concederem um momento para passar informações importantes para o sucesso deste projeto. Obrigado aos técnicos da Central de Cooperativas da Transamazônica, Jedileson Oliveira e Rayane Menezes, por contribuir com informações sobre

o Programa de Produção Orgânica, que vieram enriquecer com informações valiosas este trabalho.

Obrigado também ao senhor João Gonçalves e o senhor Ismael Dias, técnicos da CEPLAC de Brasil Novo que me forneceram as informações e dados sobre a lavoura cacaueteira.

Minha orientadora Carla Rocha, primeiro obrigado por ser militante dos movimentos sociais e fazer parte deste momento importante para mim e para o Brasil, parabéns pela sua forma de orientação sempre coerente e contribuído e sempre me colocando relacionar em temas teóricos e práticos.

Enfim obrigado a todos os companheiros que acreditaram que eu seria capaz de vencer esta nova etapa da minha vida. Gratidão por todas as palavras de incentivo, que fortaleceram minha jornada.

RESUMO

Este artigo objetiva analisar os processos educativos implementado pela Cooperativa de Produtos Orgânicos do Xingu. (COOPOXIN) focando utilizar como material de estudo dois temas cooperativismo e práticas agroecológicas. Foram realizadas 5 entrevistas com cooperadas no município de Brasil Novo, no mês fevereiro de 2018. As pesquisas foram qualitativas no intuito de compreender o processo de aprendizado e de repasse dos cooperados sobre os métodos utilizados pela COOPOXIN. Foram lançadas questões investigativas sobre os temas trabalhados em curso no início do processo de formação da Cooperativa, outro mais na área das práticas agroecológicas, constatando-se que o processo utilizado pela COOPOXIN surte seus efeitos, mas e necessário intensificar os processos formativos segundo os próprios cooperados na área de cooperativismo. Mas a avaliação torna-se positiva quando as práticas através do processo de ensino aprendizagem ajudam-se mutuamente e crescem coletivamente, apresentando-se como atores de um cenário construído pelos próprios cooperados no intuito de sanar as dificuldades e no sentido da formação. Buscando as saídas e luz para seus problemas através do processo organizativo.

As práticas formativas analisadas foram duas: uma sobre o curso de Cooperativismos, ministrado pelo SEBRAE, e outra o curso de Bioagricultura realizado pela empresa HS Consultoria, os mesmos aconteceram em momentos distintos o primeiro em 2008 no processo de instalação da Cooperativa e o outro em 2016.

Palavras chaves: cooperativismo, organização, bioagricultura.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 METODOLOGIA	14
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	15
3.2 PERFIL DOS COOPERADOS	20
3.3.1 CURSO SOBRE COOPERATIVISMO	25
3.3.2 O CURSO SOBRE BIOAGRICULTURA.....	28
4 CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICE A.....	41

1 INTRODUÇÃO

A região da Transamazônica faz parte do projeto de colonização implementado pelo governo de Garastazu Médici na década de 1970, a partir do plano de colonização das terras da Amazônia, tendo como slogan “terra sem homens para homens sem-terra”, trazendo para a região famílias de várias regiões do Brasil para ocupar as ditas terras. Sobre este tema Grings e Azevedo (1992, p.13) comentam que:

Sob o discurso da “Integração Nacional”, com o lema Integrar para não entregar, com o objetivo de acelerar a ocupação da Amazônia e sua integração com o Nordeste e centro-sul, o governo decidiu estabelecer e executar uma série de medidas vinculadas o Plano de Desenvolvimento do país e ao Programa de Integração Nacional (PIN): A construção da rodovia Transamazônica e Cuiabá Santarém; a delimitação da faixa destinada à reforma Agrária.

A inauguração da Transamazônica deu-se em 30 de agosto de 1972, ligando a cidade de Cabedelo, no estado da Paraíba, até o município de Lábrea, estado do Amazonas. Dentro deste contexto, Brasil Novo foi inicialmente denominado como “Agropólis” Brasil Novo, e concentrava o grupo tático do governo, a sede do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), de onde saíam todas as atividades a serem implementadas na região da Transamazônica.

Na Agropólis Brasil Novo existiam casas simples dos colonos, mas também tinha as casas de estilo sofisticado dos funcionários do INCRA. Havia o clube dos funcionários do INCRA, onde os mesmos reuniam-se para divertirem-se nos finais de semana e feriados, e uma piscina que era cobiçada pelos colonos, mas que era proibida a entrada dos mesmos no local.

As políticas de custeio para produção pelos colonos eram constantes na época, e muitos dos colonos conseguiam pagar as dívidas de financiamento agrícola para o banco, como os custeios e financiamentos que apoiavam os cultivos anuais como arroz, feijão e milho. Mas, por outro lado, vários colonos se endividaram e perderam suas propriedades para o banco, pois os apoios financeiros eram de forma hipotecária, e desse modo muitos dos colonos voltaram para sua terra de origem, ou tornaram-se trabalhadores para quem detinha a posse da terra, surgindo assim um exército de mão de obra barata.

Devido ao grande incentivo ao plantio de cultivos anuais, havia um grande empreendimento chamado **CIBRAZEM**, que beneficiava e comercializava a grande produção de arroz do município e da região. Este arroz em parte era beneficiado na região, e outra era

repassada para Companhia Nacional de Abastecimento CONAB) para abastecer outras regiões do Brasil.

No decorrer dos anos, sem o apoio governamental em termos de políticas públicas efetivas de apoio à agricultura, além das dificuldades produtivas ocasionadas pelo sistema de plantio itinerante adotado, as terras já utilizadas começaram a ficar degradadas (enuquiradas), e cada vez mais os colonos aumentavam o desmatamento nas propriedades. Os baixos preços dos cultivos anuais deixavam os colonos insatisfeitos como o modelo de produção orientado pelo INCRA.

Iniciou-se no final da década de 1970 um processo organizativo que os colonos achavam ser a saída para seus problemas, a criação da COOPERFRON, uma cooperativa regional que tinha como objetivo principal a comercialização da produção agrícola da região, haja visto que a CIBRAZEM já não mais funcionava. Entretanto, esta cooperativa foi uma decepção para os colonos, segundo os mesmos tratava-se de custo desnecessário e não representa os seus interesses, sendo esta a primeira experiência de cooperativismo na qual os agricultores de Brasil Novo estavam inseridos.

Sobre os programas e planos governamentais para o incentivo ao plantio do cacau, Zamorim (2013) trás alguns elementos históricos.

Em 1975 a CEPLAC (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira) trouxe a discussão do plantio de cacau, uma nova atividade agrícola não conhecida pelos agricultores, sendo que muitos viam com receio este novo cultivo. Uma das formas encontradas pelo governo, na região amazônica, para possibilitar a permanência dos migrantes no campo foi o incentivo à plantação de cacau (*Theobroma cacao*, L.) através do II PND (Plano Nacional de Desenvolvimento) e mais tarde com o Programa Brasileiro de Cacau (PROCACAU). Estas iniciativas ocorreram em razão do alto preço da amêndoa de cacau no mercado mundial na década de 1970, ultrapassando os US\$3.000/t. Desse modo, o governo criou condições para aumentar a produção e a permanência das famílias na terra (MENDES, 2005; ZAMORIM, 2017).

Os agricultores que iniciavam o cultivo do cacau tinham certo receio se esta atividade daria certo, haja vista que o cacau precisa de 04 anos para a primeira colheita, sendo que os primeiros tinham medo de, inclusive, passar necessidades junto com seus familiares. Os vizinhos diziam “os filhos deles vão morrer de fome ou vão ter que comer folhas de cacau”, isto devido à demora até a formação do cacau e estar em ponto de colheita.

Mas, com o passar do tempo, e a terra muito boa para o cultivo do cacau, o mesmo deu ponto de colheita antes do esperado, e a atividade cacaueira expandiu-se de forma grandiosa no município de Brasil Novo. Os colonos seguiam a orientação e usavam os fertilizantes, agrotóxicos, como também tinham os coxos para fermentação do cacau.

Em meados da década de 80 a lavoura atingia seu topo, preço bom, muita produção, mas, de repente surgia uma doença que os cacauicultores desconheciam, chamada de “Vassoura de Bruxa”, que era bem pior do que a podridão parda e outras. Assim, muitos dos colonos cortaram suas lavouras dizendo ser uma lavoura que não mais daria lucro. Os produtores que insistiram na lavoura, aos poucos acostumaram-se à Vassoura de Bruxa, seguindo a orientação conforme o slogan: “Vassoura de bruxa, podão nela”, sendo este o modo de controlar a doença.

Devido às pragas que prejudicam o fruto e também pelo preço baixo, os agricultores abandonaram alguns cuidados que tinham antes com a qualidade do cacau, seleção e fermentação do cacau, e desse modo o cacau de Brasil Novo e da região perdeu qualidade, e assim, também o preço.

Apesar da oscilação de preços e mudanças nas práticas, Zamorim (2017) relata que concomitantemente, o mercado de compra e venda de amêndoa, com os altos preços da década de 1970, determinou para muitas famílias o início das lavouras, pois as migrações coincidiram com os períodos de alta dos preços do mercado internacional, o que influencia diretamente no preço da amêndoa no mercado local, desse modo a produção de cacau tornou-se uma das atividades mais importantes da economia regional, principalmente para a agricultura familiar, transformada em um cultivo viável em sistemas agroflorestais, protegendo assim os recursos naturais, recuperando as áreas alteradas e emancipando o agricultor, como também empregando e formando renda para o município.

Na Tabela 1 estão apresentados os dados da produção de cacau na região da Transamazônica no ano 2016, referentes aos municípios da Transamazônica (Pacajá, Anapu, Vitória do Xingu, Altamira, Brasil Novo, Medicilândia e Uruará), e os dados específicos de Brasil Novo.

Tabela 1. Informações sobre produção de cacau na região da Transamazônica

Abrangência	Produtores cadastrados na CEPLAC	Área plantada (ha)	Área de cacau em produção (ha)	Área de cacau em fase de formação (ha)	Produção da Safra de 2016 (ton)	Produção média (Kg/ha)
Municípios da Transamazônica	10.571	106.476	83.732	22.744	88.003	1.051
Brasil Novo	1.033	9.468,3	1.191	3.366,3	6.989	571

Fonte: CEPLAC - Brasil Novo (2016)

As dificuldades encontradas ao longo da colonização da Transamazônica escravizavam e excluíaam os povos desta região em vários sentidos, e a ausência do Estado brasileiro para garantir os direitos das diversas classes da sociedade levaram uma reflexão sobre o modo de agir e de viver destes povos, pois garantia privilégios à classe dos mais favorecidos, incluindo madeireiros, comerciantes, fazendeiros e empresários. Devido à esta exclusão houve o despertar para uma nova concepção de vida do povo.

A mola propulsora dos movimentos sociais foi a Igreja Católica, que através das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) iniciaram uma formação política social que tinha como base a Teologia da Libertação, discutindo fé e política. Sobre este tema Leonardo Boff citado por Lowy (2000, p.2) afirma:

A teologia da libertação é, ao mesmo tempo, reflexo de uma *práxis* anterior e uma reflexão sobre essa *práxis*. Mais precisamente é a expressão de um movimento social que surgiu no começo da década de 60, bem antes dos novos escritos teológicos. Esse movimento envolveu setores significativos da Igreja (padres, ordens religiosas, bispos), movimentos religiosos laicos (Ação Católica, Juventude Universitária Cristã, Juventude Operária Cristã, redes pastorais com base popular, Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), bem como várias organizações populares criadas por ativistas das CEBs; clubes de mulheres, associações de moradores, sindicatos de camponeses ou trabalhadores, etc. (LÖWY, 2000, p.56).

Dentro deste contexto, o movimento das CEBs organizou vários grupos na região como os grupos de jovens, de vizinhos, assembleias setoriais, entre outros, tendo como base a metodologia ver, julgar e agir. Esses três pilares foram fundamentais para o surgimento de lideranças que iniciaram um processo em todas as comunidades, surgindo várias entidades de organização da classe trabalhadora, despontado sindicatos com capacidade de fazer oposição ao sistema do governo, e as cooperativas, movimentos de mulheres e várias associações, todas com capacidade de fazer o debate de reivindicação da sociedade, formando vários militantes que absorviam as demandas da sociedade. As formações das lideranças se deram através de Teologia da libertação que discutia uma prática libertadora, devido ao sistema opressor em que estes povos viviam, pois havia a necessidade de fazer o enfrentamento, sobre isto, Freire (1987) descreve:

Quem melhor que os oprimidos se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem, sentira melhor que eles os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação que não chegarão por acaso, mas pela *práxis* da sua busca, pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela.

Desse modo, os povos da região fazendo a reflexão e leitura da realidade, onde os oprimidos deveriam lutar pela libertação, que neste caso resultaria na própria sobrevivência/existência enquanto sujeitos de sua própria história, obtiveram muitas conquistas, dentre elas, a própria educação era uma reivindicação urgente. Discutindo um conjunto de ações que respeitasse os direitos da classe trabalhadora, dessa forma saindo do sistema de dominação e em que se encontravam usando o método da Teologia da Libertação.

Estas atitudes formaram cidadãos que discutiam ações coletivas no sentido de repaginar e resgatar a dignidade de homens e mulheres desta região, que unidos por um só propósito de resistir e enfrentar a situação de pobreza e as injustiças sociais em que o povo abandonado da Transamazônica encontrava-se. A partir dessas formações surgiram vários movimentos religiosos como as pastorais da juventude, que discutiam e organizavam a juventude dentro de uma prática libertadora, grupos de vizinhos, onde as reflexões dos textos religiosos deviam comungar com os problemas e a realidade das comunidades, tendo como base a soberania popular, assim como surgimento dos movimentos populares, destacando-se a retomada do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Altamira, como diziam "das mãos dos pelegos", pois era comandado por diretores indicados pelos militares. Em consequência disso, na mesma época surgiu a criação de associações de mulheres, de trabalhadores rurais e as cooperativas de produtores, núcleos de discussão e vários temas como saúde e educação e tanto outros que valorizavam o conhecimento dos populares.

Sobre o tema da educação não formal nos espaços dos movimentos sociais, comenta Gohn (2011) citado por Rodrigues e Tamanine (2012, p.6):

Os processos educativos desses espaços e seus indivíduos como sujeito e protagonista de sua história, um sujeito político, que pensa, que age. Espaços importantes da sociedade abarcam as atividades da Educação não formal e suas práticas educativas e distribuem-se em inúmeras dimensões. Na sociedade civil organizada vinculada a programas e projetos sociais, nas ONGs, movimentos sociais de educação não formal. A Educação não formal é uma possibilidade de produção de conhecimento em territórios fora das estruturas curriculares da Educação formal (GOHN, 2011, citado por RODRIGUES;TAMANINE, 2012).

As formações e trabalhos de base foram fundamentais para esta região no sentido de despertar da dormência e do sistema de semiescravidão em que os povos desta região passava, onde os trabalhadores e trabalhadoras rurais trabalhavam sem valorização da força do trabalho, por parte das autoridades, desse modo todos os movimentos, sejam populares ou religiosos, tinham como missão evidenciar os problemas do povo da região, homens, mulheres e jovens, a

partir de pensamentos revolucionários e coragem para lutar, encontrando esta força dentro da fé cristã. Estes momentos davam-se em vários aspectos, reuniões, festas religiosas, reunião de grupo de jovens e vizinhos entre outros.

Esse processo formativo trouxe também muitos enfrentamentos entre dominados e dominadores; iniciou-se várias discussões, principalmente sobre os modos de trabalho. Sendo importante destacar as lutas que foram travadas em Brasil Novo entre trabalhadores rurais e fazendeiros ligados a UDR (União Democrática Ruralista), ocasionado a queima criminosa do Centro de Formação da Igreja Católica, localizado na Vicinal 14. Neste centro aconteciam as formações com base na teologia da libertação. Outro fato que marcou Brasil Novo foi a derrubada do prédio da igreja católica da Vicinal 20, o mesmo foi construído por meio de doações de todos os membros da comunidade, tanto por fazendeiros, pequenos proprietários e trabalhadores rurais. Os fazendeiros não aceitavam o novo modo de evangelização que a igreja trazia, e depois de várias ameaças concretizaram a fato, derrubando de trator a igreja da comunidade. Estes ocorridos alimentavam a força e vontade de lutar das lideranças, trazendo cada vez mais companheiros para dentro dos movimentos sociais.

Outro fato importante ocorrido na região foi o enfrentamento dos canavieiros na década de 80, que buscavam negociação das dívidas e o não pagamento da cana de açúcar por parte da usina Abrahão Lincoln, na ocasião os mesmos queimaram a ponte do Km 94 da Transamazônica para chamar a atenção das autoridades para a situação pela qual os mesmos passavam.

Várias foram as lutas em toda a região, e em 1991 uma caravana foi à Brasília reivindicar direitos negados aos trabalhadores, dentre eles vale ressaltar os seguintes:

- Recuperação da Transamazônica e das estradas vicinais;
- Construção de escolas e melhoria na qualidade de ensino e formação de professores;
- Construção de postos de saúde, hospitais e formação de profissionais da área da saúde;
- Desburocratização do FNO (Fundo Constitucional do Norte) para acesso aos financiamentos para os agricultores.

Era na verdade uma pauta global que incluía muitas ações que deveriam ser aplicadas para melhoria da qualidade de vida dos povos desta região, sendo esta a primeira conquista coletiva da região da Transamazônica.

Dentro deste contexto surge a obrigatoriedade de criação de associações e cooperativas para acesso aos créditos do Fundo Constitucional do Norte (FNO), mas, em nenhuma delas

apoiava de forma clara seus beneficiários, sendo as mesmas somente para aquisição de créditos agrícolas, sem preocupar-se com a comercialização da produção e outros fatores para melhor qualidade de vida dos seus integrantes, pois não foram criadas e discutidas para esta finalidade, sobre isto Grings e Azevedo (1992, p. 35) escrevem que:

O nascimento dos movimentos populares e organizações ofereceram estratégias de ação e reflexão na busca de novas alternativas. Apesar das dificuldades, a implantação de cursos, treinamentos e outras atividades promoveram pessoas e como fontes de conscientização mobilizaram as comunidades para a realidade existente, não somente na educação, como nos demais setores aqui instalados como, saúde, transporte, lazer.

Ao longo dos anos surgiram várias iniciativas de cooperativas e associações, mas, não trabalhavam ou defendiam os direitos dos cooperados e associados como afirma um entrevistado que se filiou à COOPERFRON em 1978. Esta cooperativa incentivou o cultivo de algodão, arroz e milho, e que no caso do primeiro, havia muito ataque de pragas tipo formiga, e não tinha por parte da cooperativa uma orientação técnica no sentido de utilizar produtos químicos ou alternativos para combater, deixando os cooperados endividados e obrigando os mesmos a abandonarem a cultura antes mesmo da colheita. As reuniões aconteciam no KM 40, onde havia uma subsede da cooperativa, sob a responsabilidade do senhor **Enedino**. O entrevistado explica que as reuniões maiores eram em Altamira e que o representante de Brasil Novo era o senhor Geraldo Barbosa. Segundo o cooperado: "A mesma acabou, pois não havia incentivo por parte da Cooperativa, pois não compravam todos os produtos, e por outro lado os cooperados não acreditavam no processo do cooperativismo"(Sr. Aparecido, comunicação oral).

Foram várias experiências organizativas, vale ressaltar as cooperativas que surgiram a partir da discussão do FNO, onde os agricultores deveriam estar vinculados a uma cooperativa ou associação para acessar o crédito agrícola, estas iniciativas não correspondiam aos anseios dos agricultores, pois houve o endividamento dos cooperados e associados, que passaram a desacreditar no processo organizacional.

As avaliações em torno do assunto eram discutidas nas bases, e houve a proposição de um novo modelo de cooperativismo, utilizando métodos onde fossem também elencados os direitos da classe trabalhadora em todos os seus aspectos, tendo como pilares centrais a economia solidaria e a agroecologia.

Neste contexto, surge a Cooperativa de Produtos Orgânicos do Xingu (COOPOXIN), fundada em 19 de abril de 2008 a partir das proposições do movimento dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, com o intuito de produzir por meio de interações justas entre natureza e

seres humanos, como também comercializar a produção direto para o mercado consumidor e desse modo tendo um valor agregado ao produto (ZAMORIN, 2017). Segundo Zamorim, a certificação orgânica somou benefícios às famílias além das práticas diretamente ligadas à lavoura cacaueteira, como a isenção de insumos químicos, a rastreabilidade da produção, o respeito às leis trabalhistas e ambientais, a produção de produtos que atendam aos requisitos de qualidade do mercado. Além da agregação de valor, a COOPOXIN trabalha através de cursos e palestras a formação e informação para seus cooperados.

A COOPOXIN quando se propõe a fazer processos educativos como cursos, palestras e seminários, também visa atender a obrigatoriedade da certificadora IMO (Instituto de Mercado Ecológico), pois a mesma concede somente o certificado se todos os cooperados se adequarem às exigências da certificação nacional. O processo educativo implantado busca atender à algumas regras estabelecidas pela certificadora como a obrigatoriedade dos cooperados fazerem a coleta seletiva do lixo, exige que todas as crianças filhos dos mesmos ou de seus meeiros em idade escolar estejam matriculados e frequentando a escola, obrigando os cooperados a realizarem contratos de parcerias entre proprietários e meeiros.

A COOPOXIN realizou vários eventos educativos como seminários, encontros com os cooperados, planejamento de vendas, avaliações dos cooperados, participação em feiras de vendas como Frutal e Flor Pará. Alguns de seus membros tiveram participações importantes como no Seminário Brasileiro de Agroecologia e de feiras internacionais como na Feira de Orgânicos que aconteceu na Alemanha (Biofar). A COOPOXIN também tem reuniões periódicas de planejamento, além de organizar cursos de poda e enxertia, capacitação sobre mercado, cursos de bioagricultura e compostagem. Atualmente tem como meta a participação na feira municipal dos produtores.

Entretanto, se faz necessário analisar estes eventos dentro do processo educativo implementado pela COOPOXIN e avaliar a repercussão destes nas práticas organizativas e agrícolas que os cooperados têm efetivado. Pois desse modo haverá uma visão ampla levando em conta a avaliação dos cooperados sobre as ações desenvolvidas pela cooperativa no que tange temas sobre direito, deveres e processo organizativo com também temas relacionados a cultivo, controle das áreas de produção com uso de produtos biológicos.

O tema central deste trabalho são os processos educativos a partir da atuação da COOPOXIN, buscando responder: quais os efeitos de ações de formação/capacitação que a cooperativa tem desenvolvido com os cooperados em relação ao tema do cooperativismo e das

práticas agroecológicas? Os cooperados compreendem o processo educativo implementado pela COOPOXIN como meio de transformação social e ambiental?

Assim, o objetivo geral é estudar como os cooperados da COOPOXIN compreendem o processo educativo pelo qual passaram tendo em vista a ênfase na transformação das práticas sociais e ambientais dos mesmos.

Os objetivos específicos são: apresentar o histórico da cooperativa; caracterizar o perfil socioeconômico dos cooperados; descrever as ações educativas para produção orgânica e de organização implementadas pela COOPOXIN; analisar como os cooperados entenderam as ações educativas.

2 METODOLOGIA

Segundo Minayo (2002), a pesquisa qualitativa deve sempre observar três pontos principais: ordenação de dados, classificação dos dados, e análise final. Após todos os passos é necessário observar que o produto final da análise de uma pesquisa, por mais brilhante que seja, deve ser encarado de forma provisória e aproximativa. Este posicionamento deve ser compartilhado, pois se baseia no fato de que em se tratando de ciência, as afirmações podem superar as conclusões prévias, podendo ser superadas por outras afirmações futuras (MINAYO, 2002).

Como ressalta Minayo (2002), estas formulações a princípio parecem simples, mas na verdade transforma-se em uma ação complexa, pois além das unidades de registro, devemos definir as unidades de contexto, ou seja, agir como pesquisador sem contudo interferir na coleta dos dados. Pois, deve-se ter cuidado para não produzir um distanciamento entre a fundamentação teórica e a prática da pesquisa.

Para análise do processo educativo foram escolhidas duas ações educativas para analisar: o curso sobre cooperativismo promovido pelo SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas) e sobre o curso de bioagricultura ministrado pela empresa HS Bioagricultura e Consultoria.

Os dados utilizados para caracterizar o perfil dos cooperados foi a partir da realização em 2017 de um diagnóstico elaborado pela COOPOXIN e STTR em parceria com a UFPA, para entender vários aspectos do perfil dos cooperados, seus anseios e dificuldades. Foi

realizado também uma pesquisa documental nos arquivos da cooperativa e registros da diretoria da mesma.

Para geração dos dados sobre o processo educativo, foram encontrados documentos (atas, relatórios e certificados) de assembleias, reuniões, palestras, cursos e seminários, foram identificadas as ações de formação da cooperativa no intuito de conhecer quais são os processos educativos realizados pela COOPOXIN.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os cooperados. Foram entrevistados 05 cooperados, totalizando dez entrevistas sobre as duas ações escolhidas para análise. Duas comunidades foram escolhidas, a Vicinal 15, com dois entrevistados e a Vicinal 16, com três entrevistados, destes, uma mulher. As entrevistas ocorreram no início de fevereiro de 2018, no município de Brasil Novo.

Os critérios utilizados para a escolha dos entrevistados foram no sentido de observar três cooperados que migraram de outras experiências de cooperativismo, outros dois que através da COOPOXIN tiveram sua primeira experiência com o cooperativismo.

Durante as entrevistas houve um cuidado de não interferir nas respostas dos cooperados, pois, sendo a autora cooperada-fundadora, não tinha o interesse de prejudicar a geração de dados no momento das entrevistas. É uma tarefa difícil a de entrevistar e coletar dados sobre algo que participei e ajudei a construir, mesmo assim em momento algum foi passada a visão ou opinião da autora sobre os temas abordado, pois o objetivo do trabalho é ver a cooperativa e a importância dos processos formativos a partir da visão dos cooperados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 HISTÓRICO DA COOPERATIVA E PRINCIPAIS DESAFIOS

A COOPOXIN foi criada em 2005, mas regularizada em 2008, através de um incentivo da Fundação Viver, Produzir e Preservar (FVPP), em uma parceria com o governo alemão por meio do Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social (DED), que ficaria com a parte de certificação da produção, e envolvendo também os Sindicatos dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR`s), em articulação com a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC) e o Serviço Brasileiro de Apoio ao Empreendedor e Pequeno

Empresário (SEBRAE). Assim, foi criado o Programa de Produção Orgânica da Transamazônica com a formação de cooperativas de produção orgânica ao longo da região. Fazem parte deste programa seis cooperativas distribuídas nos municípios de Anapu, Pacajá, Vitória do Xingu, Brasil Novo, Medicilândia e Uruará.

O objetivo inicial era mostrar uma nova forma de produzir e de organizar as propriedades, e assim, produzir com qualidade, certificar as propriedades e fortalecer o cooperativismo por meio da realização das vendas coletivas, de início de cacau orgânico, com acesso a mercados que valorizassem o trabalho realizado pelos cooperados.

A COOPOXIN iniciou com 48 cooperados. No início muitos ingressaram na cooperativa achando que iriam ganhar muito dinheiro, entre outros benefícios imediatos, mas com as exigências da certificação, que colocava o cooperado com várias responsabilidades, muitos abandonaram a cooperativa. Houve um período de fragilidade, pois os que saíam tentavam desestimular os outros.

Na época foi preciso fazer um trabalho de conscientização em torno dos direitos e deveres do cooperado, pois trabalhar a produção orgânica era um desafio a ser enfrentado. Havia vários obstáculos, sendo que o principal era a falta informação do cooperado sobre os modelos de produção orgânica, já que o cooperado deveria ser parte do processo e não considerar as exigências como algo da certificadora, mas que era uma norma a ser cumprida para conseguir o certificado de produção orgânica.

Atualmente são 43 cooperados, e todos participam das discussões da cooperativa e são identificados por um código para facilitar a identificação dos produtores. São 115,1 hectares de área certificada de cacau orgânico. Estes cooperados estão localizados nas comunidades que constam na Tabela 2.

Tabela 2: comunidades e municípios envolvidos

Vicinal/comunidade/município	Nº Cooperados
Vicina16/comunidade N. S de Nazaré	10
Vicinal 15/comunidade Div. Espírito Santo	02
Vicinal 14/ comunidade São Geraldo	03
Vicinal 12/comunidade Santa Juliana	02
KM 130- Medicilândia	01
Vicinal 23	02
Vicinal 17 comunidade São Paulo Apóstolo	02
Ramal do Cajueiro – Altamira	18
Vicinal 21	03
Total	43

A certificação da produção orgânica é realizada pelo Instituto de Mercado Ecológico (IMO). Trata-se de uma certificação coletiva para todos os membros da cooperativa. Esta certificação coletiva é feita por auditoria, que neste caso a visita de um inspetor externo, após analisar os dados da inspeção interna realiza visitas nas propriedades são escolhidas aleatoriamente, onde os diretores ficam sabendo quem será inspecionado somente no momento da chegada do inspetor. A certificação é coletiva, pois individualmente é muito caro um agricultor arcar sozinho com a certificação. A certificação é feita em nome da Fundação Viver Produzir Preservar, enquanto não se legaliza a Central de Produção Orgânica.

Com a certificação e a comercialização direta realizada coletivamente pela COOPOXIN, obteve-se acréscimos de valor em relação ao produto convencional, que varia, de ano a ano, de 30% a 100% no valor de cada kg de amêndoa comercializada, e reduziu o risco dos altos e baixos que oscilação do preço do cacau convencional, ao longo do ano impõe ao produtor, em função da oferta e procura do produto.

Em relação à obtenção da certificação da produção orgânica, o trabalho de inspeção se dá em dois momentos. O primeiro ocorre com a inspeção interna, que no caso da COOPOXIN, sempre é realizada pelos alunos da Casa Familiar Rural que são treinados pela equipe técnica do programa de produção orgânica. O trabalho do inspetor interno é observar a propriedade de forma individual, verificando se o produto está em conformidade com as exigências. Em seguida, junto com o CLGI (Comitê Local de Gestão Interna), é elaborado um relatório de inspeção, o qual é encaminhado à cooperativa, para que a mesma oriente o cooperado a cumprir as exigências.

Uma vez a cada ano o inspetor externo é enviado pela certificadora para fiscalizar as propriedades, e se caso o cooperado não cumprir com as não conformidades, mesmo depois das advertências, o cooperado será suspenso da cooperativa. Este cooperado poderá perder toda a certificação, e inicia o processo novamente. Este cooperado precisará esperar por três anos, ficando como propriedade em conversão, e se vier a se readequar, poderá adquirir novamente o selo de produtor orgânico.

As cooperativas brasileiras e a agricultura familiar como um todo sofreram um grande golpe com a decisão do governo federal Michel Temer de extinguir o MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário), pois dentre as políticas do MDA havia um forte apelo à questão orgânica e agroecológica, sendo liberados recursos para viagens internacionais e nacionais para participação em feiras e outros eventos ligados às políticas estratégicas para a agricultura familiar e produção orgânica. Um exemplo claro disso é a queda nos recursos para a CONAB

(Companhia Nacional de Abastecimento), que financiava a formação de estoque, onde a COOPOXIN, juntamente com as demais cooperativas de produtos orgânicos no ano de 2014, conseguindo um valor de R\$ 247.715,00 (duzentos e quarenta e sete mil, setecentos e quinze reais) para garantir que os produtores não vendessem antes da safra para os atravessadores. Este valor foi dividido por 06 cooperativas ficando cada uma com um valor de R\$ 41, 285.83 (quarenta e um mil duzentos e oitenta e cinco reais e oitenta e três centavos), suprindo as necessidades neste ano. Mas, depois desse fato, a mesma não tem recursos disponíveis para garantir esta ação.

Para resolver este problema seria necessário realizar um processo formativo com os cooperados para que fosse possível entender a importância das vendas coletivas por meio da cooperativa, outro fato que inclusive já está sendo realizado, mas que precisa ser intensificada é a diversificação nas propriedades orgânicas com plantio de legumes, verduras, criação de pequenos animais, a piscicultura, apicultura, e o aproveitamento das frutas, como também priorizar os subprodutos do cacau transformando em geleias, licores e vários tipos de aproveitamento das amêndoas, que mesmo sendo artesanal é uma boa fonte de renda, pois há sempre comércio. Neste momento surge a necessidade de formação dos cooperados, pois com o aumento das atividades surgiram muitos desafios a serem vencidos, onde somente o processo formativo poderia esclarecer.

Este incremento de venda coletiva está sendo discutido pelos cooperados no sentido de intensificá-la para que possa tornar-se uma nova fonte de renda. Os mesmos realizam vendas destes produtos na feira livre, mas, ainda não há uma distinção ou identificação destes produtos no local, e os produtores orgânicos ficam misturados aos demais, não podendo assim ser distinguido dos produtores convencionais. Seria ideal que os mesmos estivessem organizados e identificados por faixas ou banners para que seu produto fosse valorizado haja vista que cumprem todas as normas de certificação.

Outra ferramenta importante para comercialização é a internet. A cooperativa criou um grupo de WhatsApp para ofertar os produtos através do mesmo, onde os consumidores podem fazer os seus pedidos de vários produtos e são entregues em um dia da semana. Esta inovação está enfrentando algumas dificuldades, pois alguns cooperados ainda não entendem como funciona, e apresentam alguma resistência neste tipo de venda, mesmo sendo um canal importante de comercialização, pois existem clientes fiéis e não se recusam a pagar um preço diferenciado por esta produção, mas esta barreira está aos poucos sendo vencida.

Passando com um olhar reflexivo sobre os cooperados e direção da COOPOXIN, percebe-se que há uma vontade imensa de ter autonomia sobre os seus produtos e também sobre a propriedade, e observa-se alguns pontos onde a Cooperativa tem fragilidades, dentre elas temos a ação dos atravessadores e a falta de capital de giro da cooperativa. Este capital facilitaria a compra do produto antes da colheita, pois às vezes os cooperados precisam de algum dinheiro no período da entressafra e a cooperativa não dispõe deste recurso, e neste caso os mesmos recorrem aos atravessadores que emprestam o dinheiro, e os cooperados ficam refém do mesmo, pois na safra terá que pagar com cacau seco no valor que lhe foi emprestado. Este fato enfraquece a cooperativa, pois a mesma tem contratos com empresas chocolateiras e de cosméticos que lhe pagam um preço às vezes de mais de 50% de diferença em relação aos atravessadores, e uma porcentagem das vendas que passam pela cooperativa fica como capital, que poderia ser investido inclusive em capital para formação de estoque.

Dentre os desafios está incentivar a produção orgânica, pois os agricultores convencionais criam uma imagem distorcida das técnicas, argumentando ser mais trabalhoso o que não compensaria a venda e não se obteria muita lucratividade, porém, quem conhece sabe que a produção orgânica está associada a uma alimentação saudável e de qualidade, sem contaminação por agroquímicos ou poluição dos recursos ambientais (solo e água), além disso, o preço dos produtos pode ser 50% maior do que os produtos convencionais.

Outro fator que apresenta problemas é a falta de adubos orgânicos autorizados pela certificadora na região, a falta de matéria prima ou de conhecimento para confecção de adubos alternativos que possam suprir esta necessidade, traz um atraso e muitas vezes a desistência por parte de alguns cooperados, pois, devido ao desgaste do solo, a lavoura cacaueteira como qualquer cultivo perene, necessita de correção e adubação para fertilização e recuperação do solo. A saída seria uma usina de compostagem onde vários derivados oriundos das propriedades orgânicas fossem transformados em adubo orgânico para serem utilizados nas propriedades.

O material usado nesta usina de compostagem deve ser das propriedades, pois a certificadora não aceita que use esterco para uso de compostagem se não for de uma propriedade orgânica, porém, há um acúmulo de material orgânico nas propriedades que pode ser utilizado como base do composto. Esta ação de tratamento do material orgânico trará fertilidade do solo, e conseqüentemente aumento da produção, como também poderá se transformar em uma fonte de renda para a Cooperativa, que poderá vender o composto excedente a terceiros.

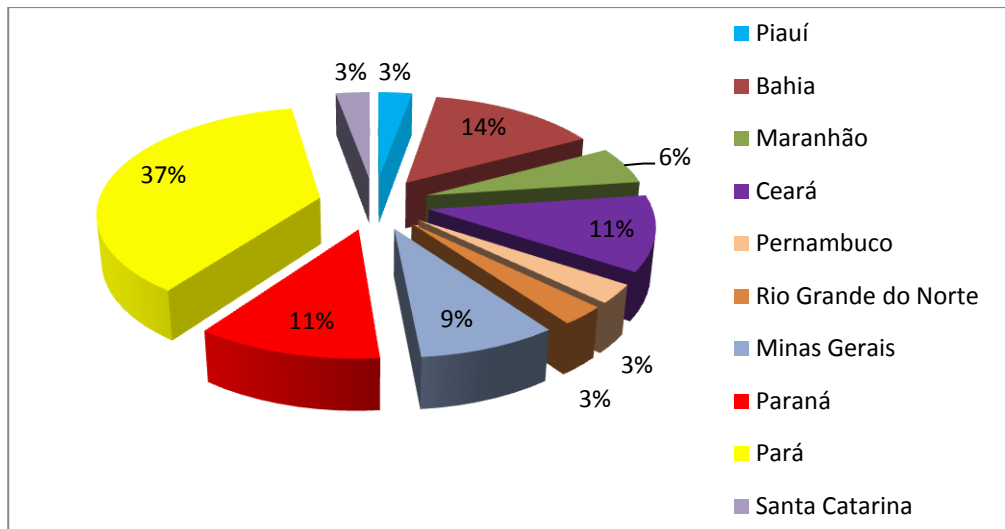
Um forte desafio é a liberação dos produtos e sementes transgênicas, pois trata-se de uma disputa desigual, enquanto os agricultores tentam produzir de forma orgânica ou agroecológica, o sistema capitalista com seus pacotes tecnológicos com sementes, adubos e assistência técnica reforçada pelos meios de comunicação, onde há uma facilidade de aquisição, dando a falsa ideia que as sementes crioulas não têm a mesma produtividade das transgênicas, e que sem uso de fortes agrotóxicos não há meio de produção. Nesse sentido é cada vez mais difícil a aquisição de sementes e de assistência técnica para quem tem a opção de trabalhar com produção orgânica, pois apesar de ter o Plano Brasileiro de Agroecologia, esta modalidade de assistência técnica não é prioridade das empresas de assistência técnica, agravado pela extinção do Ministério do Desenvolvimento Agrário e dos programas que visavam fortalecer a agroecologia.

3.2 PERFIL DOS COOPERADOS

Todos os cooperados são agricultores familiares, sendo em sua maioria herdeiros de filhos de migrantes que chegaram entre as décadas de 1970 e 1980. As propriedades são divididas em chácaras que varia entre 5 a 10 hectares. A faixa etária dos cooperados é de 20 a 65 anos, e os mesmos são originários das várias regiões do Brasil, notadamente do Nordeste. Os entrevistados detêm a posse da terra, ocupando-as de 1971 a 2014, sendo que alguns dos entrevistados residem nas propriedades de origem, onde as propriedades foram divididas em chácaras e são ocupadas pelos herdeiros, que chegaram na época da colonização ou já nasceram na região. Devido a esta dinâmica fundiária e de herança há uma variação em hectares e áreas plantadas.

Há problema referente à documentação destas chácaras devido terem apenas termo de doação dos pais para os herdeiros, gerando dificuldades de acessar créditos, pois em algumas instituições financeiras somente é aceito o título definitivo da propriedade ou escritura pública, o que em alguns casos inviabiliza o acesso às linhas de crédito. Em relação à migração dos cooperados podemos observar estes dados na Figura 1, no qual destaca-se uma representação de que a maioria dos cooperados migrou de várias regiões de Brasil, formando uma miscigenação de costumes e tradições.

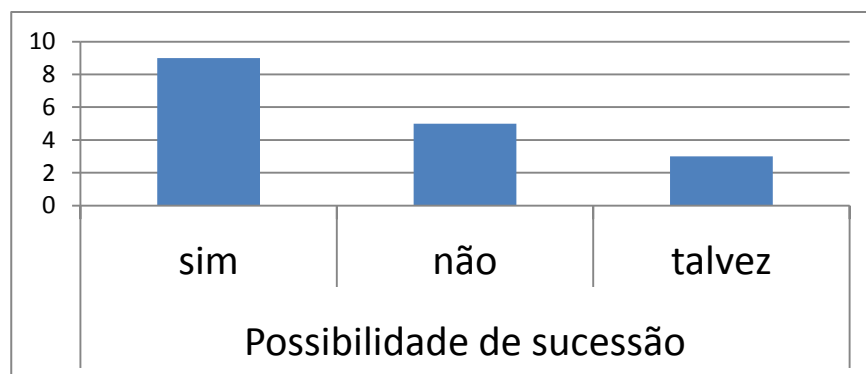
Figura 1. Origens dos cooperados



Fonte: UFPA/COOPOXIN/STTR de Brasil Novo (2016)

Um fator agravante se dá devido ao esvaziamento do processo de sucessão familiar, pois com a falta de perspectiva dos jovens em continuar na agricultura, a falta de uma política educacional que dialogue e valorize os povos do campo, assim como também a falta de várias políticas públicas. A Figura 2 ilustra com dados esta problemática, na qual 53% das famílias conseguem visualizar a sucessão familiar enquanto agricultores e agricultoras.

Figura 2: A sucessão familiar dos cooperados entrevistados, Brasil Novo.



Fonte: UFPA/COOPOXIN/STTR de Brasil Novo (2016)

O quadro traz uma preocupação urgente, pois a possibilidade de sucessão não está como uma prioridade entre os cooperados, é necessário fazer algo sobre este processo. Talvez a alternativa seja potencializar os jovens através de cursos voltados as áreas agrônômicas e técnicas, para que possam entender o campo como lugar de desenvolvimento e possam ser multiplicadores desses ideais, como aborda Stédile (2009, p. 161).

Embora tenhamos um acúmulo de conhecimento científico em todos os países, que reconhece os saberes tradicionais da humanidade para produzir alimentos sem agredir a natureza, estabelecendo uma parceria com ela, temos muito poucos profissionais da área agrônômica que possam nos ajudar a multiplicar os conhecimentos e realizar o verdadeiro fomento no meio rural.

Nesse sentido, é possível entender um sistema excludente, onde os pequenos não têm autonomia sobre suas práticas e seus valores, pois há interesses fortíssimos no sentido e de enfraquecer as alternativas dos agricultores que têm uma percepção diferenciada sobre a sociedade e o meio ambiente como um meio de transformação social.

Desse modo temos a oportunidade de desenvolver e apresentar o campo da agricultura familiar com as mesmas condições de igualdade incentivando uma formação qualificada e uma melhor distribuição de renda para todos fortalecendo os princípios da economia solidária. Somente com esta ação podemos reverter o esvaziamento do campo.

Dos atuais cooperados pode-se destacar que 30% dos mesmos tiveram sua formação com base na Teologia da libertação, sendo necessário realizar um processo de formação político ideológico destas práticas e saberes para melhorar a atuação dos cooperados nos espaços de discussão e decisão da COOPOXIN.

3.3 OS PROCESSOS EDUCATIVOS DA COOPOXIN E SEUS RESULTADOS

A COOPOXIN desenvolveu vários cursos e palestras no sentido de suprir as deficiências em algum fato para os cooperados, muitos destes cursos e palestras têm participação expressiva dos mesmos, mas depende muito do curso e da atração que os mesmos sentem pelo tema como mostra o quadro 1.

Estes processos formativos em alguns casos são exigências da certificadora, outros são propostas pelos cooperados em assembleias gerais ou reuniões de planejamento, em outros casos, são oficinas de projetos podendo ser da COOPOXIN ou da Cooperativa Central de Produção Orgânica.

Muitas são as atividades e formações realizadas pela COOPOXIN, seguindo ou não um cronograma de planejamento, no sentido de capacitar e organizar as unidades produtivas de seus cooperados, algumas seguem os as definições da economia solidária, outras pelas linha tecnicista e empresarial, mas todas tem seu planejamento por parte dos diretores e seguem o

cronograma. Mas discutem também a situação de vida e da permanência dos cooperados nas propriedades, sendo esta uma das preocupações dos vários membros da instituição.

Os processos formativos de alguma forma são também formais pois há um planejamento, geram relatórios, atas, lista de presença, em alguns casos certificados, mesmo tendo diferença na metodologia, como na exposição de Gadotti (2012, p. 6).

A **educação formal** é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores do Ministério da Educação. A **educação não formal** é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de “progressão”. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem. Trata-se de um conceito amplo, muitas vezes associado ao conceito de cultura. Daí a educação não formal estar ligada fortemente à aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos e à participação em atividades grupais, sejam adultos ou crianças.

No Quadro 1 destaca-se as diversas instituições parceiras que contribuíram no processo formativo dos cooperados, em um modelo de educação não formal. Todos estes momentos contribuíram para o aumento do conhecimento dos mesmos, nestes espaços formativos são abordados temas importantes para os rumos da COOPOXIN. Nestes ambientes são debatidos assuntos que vão do sistema organizativo, espaço de avaliação, planejamento de ações, de vendas coletivas, problemas relacionados as unidades de produção, controle das unidades, mas, também são realizadas as formações para melhor entendimento de processos de comercialização e novos rumos.

O momento mais importante incluído no quadro acima foi a assembleia de fundação da cooperativa, que foi um momento muito importante, pois trata-se dos primeiros passos de todo o sistema de organização, seguido de cursos e palestras realizados pelo SEBRAE, primeiro no sentido de organizar o processo e o entendimento do cooperativismo, em seguida organizar e trazer esclarecimentos sobre organizar e comercializar a produção e conquistar o mercado.

Quadro 1: As ações de formação da COOPOXIN

Tipo de ação	Tema abordado	Palestrante Instrutor	Entidades envolvidas	Data	Nº part.	Local
Assembleia	Fund. Cooperativa	FVPP	STTR, FVPP, CEPLAC	19/04/2008	32	ECCFR
Curso	Cooperativismo	SEBRAE	STTR/FVPP	20/04/2008	28	ECFFR
Reunião	Pará Rural	Jose Roberto	STTR, gov. do Estado	18/10/2008	19	ECCFR
Reunião	Parcerias	Direção	STTR	24/01/2009	18	ECFFR
Curso	Segurança no trabalho na lavoura do cacau	Jedielson Oliveira, Diego Lana Acácio, Camila Virginia, Paula Andreane Gomes	COOPOXIN-IFPA	20/06/2010	20	Vic, 16
Curso	Capacitação em gestão para cooperativas cacaueiras	André Sorio	Metrópole Soluções empresariais	26 a 29 de maio de 2014	17	Altamira
Oficina	Atender bem no campo	Marcia Carneiro	SEBRAE	30/07/2014	15	Convento
Oficina	Custos Para produzir no Campo	Marcia Carneiro	SEBRAE	26/05/2015	18	Convento
Oficina	Controlar meu dinheiro no campo	Marcia Carneiro	SEBRAE	26/05/2015	18	Convento
Congresso	Diversidade soberania na construção do bem viver	Diversos	Sociedade Brasileira de Agroecologia	2015	03	Hangar Belém
Seminário	Seminário de produção orgânica	Jedielson Oliveira	SEBRAE/CEPOTX/COOPOXIN	08/12/2015	168	ECCFR
Palestra	Agronegócio/ produção orgânica	Jedielson Oliveira	SEBRAE/CEPOTX/COOPOXIN	08/12/2015	168	ECCFR
Curso	Gestão para Pequenos Negócios	Leda Maria Correia Cerqueira	SEBRAE	15/12/2015	17	ECCFR
Seminário	Agroecologia	Anderson	ECCFR/UFPA/Fundo Dema/Levante Popular da Juventude/STTR Brasil Novo	08/04/2016	85	ECCFR
Treinamento	Bioagricultura	Hercules Saar	COOPOXIN/ HS Bioagricultura Consultoria	19 a 20 de abril 2016	35	ECCFR/ dia de campo Vic. 16
Reunião	Diagnóstico sobre produtores orgânicos	Carla Rocha	COOPOXIN STTR UFPA	2017	25	COOPOXIN

Os cursos trazidos pela Central das Cooperativas abordaram temas relevantes como da produção orgânica e do processo de certificação. Outro curso importante foi o de segurança no trabalho que abordou formas de exercer os trabalhos diários de forma segura, sendo esta uma exigência da certificadora.

A realização do primeiro seminário de produção orgânica foi um passo para divulgar as ações das cooperativas para dentro do município e da região, e importante para a divulgação dos trabalhos e conquistas relacionados às atividades orgânicas.

O curso de bioagricultura veio trazer uma resposta aos problemas relacionados aos tratamentos culturais e controle biológico nas unidades de produção. Determinando uma fórmula simples de controle natural e manejo nas unidades de produção.

O diagnóstico realizado pela parceria entre UFPA/COOPOXIN e STTR, foi uma atividade que trouxe elementos fundamentais para uma avaliação da cooperativa como um todo, trazendo vários aspectos a serem melhorados dentro da COOPOXIN.

Importante ressaltar a parceria constante do STTR e da Escola Comunitária Casa Familiar Rural de Brasil Novo, que foram parceiros importantes do início até os dias atuais.

Dentre os vários cursos, palestras, seminários onde os cooperados participaram, este estudo será focado no Curso de Cooperativismo e na Oficina de Bioagricultura. Entende-se que estes temas são importantes para a transformação social, tanto para as famílias, quanto para o desenvolvimento das propriedades e melhoramento da atividade orgânica, pois os mesmos têm uma forte ligação com a terra e o meio ambiente, e sobre isto este contexto, Schmitt e Tygel (2009, p. 125) afirmam que:

No caso dos agricultores familiares, a redefinição de suas relações com o meio ambiente é um elemento-chave na transformação de suas relações como os mercados, a jusante e a montante da produção agrícola. Ao mesmo tempo, o acesso a meios de produção, como a terra, a água e a biodiversidade, não envolve apenas uma questão de *justiça econômica* incorporando, também, uma forte dimensão ambiental. Trata-se, além disso, de um tema estratégico para a ampliação do diálogo desses dois campos com outros segmentos sociais em temas como qualidade de vida, mudanças climáticas e riscos ambientais.

3.3.1 CURSO SOBRE COOPERATIVISMO

A solução encontrada para o programa de produção orgânica foi levar cursos e palestras sobre temas importantes para os cooperados, e dentre estes, um curso inicial com todos envolvidos foi o de Cooperativismo que ocorreu logo após a fundação da COOPOXIN. O curso

foi realizado na Escola Comunitária Casa Familiar Rural de Brasil Novo Padre Oscar Albino Fuhr. Foi ministrado pelo SEBRAE no ano de 2008. O curso abordou temas sobre os processos organizativos de uma cooperativa, e o palestrante utilizou *slides* onde focava temas como: evolução social, desenvolvimento e grupo de pessoas, relações interpessoais, liderança, participantes, autogestão, identidade da cooperativa, e princípios e direitos e deveres dos cooperados.

Foi utilizado pelo palestrante uma apostila que continha além dos temas acima mencionados para constituição de uma cooperativa com todas as normas exigidas pela legislação brasileira, contendo leis, modelos de estatutos, edital de convocação, procedimentos de registros e livros obrigatórios. A apostila contém 49 páginas, e destas, somente 11 abordam temas relevantes sobre cooperativismo, que discutem como atuar em grupo, liderança, inclusão, controle e afeto.

A partir das entrevistas realizadas verifica-se que as respostas dos cooperados sobre a visão de cooperativismo que tinham quando entrou na cooperativa, o que mais foi destacado é a valorização do produto (melhor preço) através das vendas coletivas. Apenas um frisou que além das vendas o fator principal seria o companheirismo e o processo organizativo como ferramenta que valoriza os agricultores através do processo de cooperativismo.

Na segunda questão, sobre a visão de cooperativismo passada pelas direções da COOPOXIN, 04 entrevistados afirmam que seria a união dos cooperados para discutir e buscar melhorias para o grupo organizando a propriedade e crescendo coletivamente. Dois destacaram ser a visão estrutural por meio da aquisição para melhoria dos sistemas de produção existentes, tendo como ponto forte as vendas coletivas e o melhor preço para o produto.

Na questão sobre a visão de cooperativismo, três entrevistados afirmaram que seria buscar melhorias para a propriedade, através de um preço que valorize a produção, e que haverá esta mudança através do cooperativismo. Dois destacaram que o comprometimento deve ser de todos do grupo, e que o lucro é a consequência do processo de organização, onde todos devem obter os lucros, que deve ser uma preocupação de todos. a vida e o bem estar de todos do grupo. Um dos entrevistados enfatizou que o processo não dava certo, devido as experiências passadas que foram negativas.

Na questão de como o cooperativismo mudou a visão na forma de trabalhar, um entrevistado respondeu que sua visão não mudou muito, mas afirma ser mais fácil obter lucros principalmente por intermédio da COOPOXIN, que oferta vários cursos que fortalecem o

sistema de produção. Outro destaca que houve uma melhoria significativa e que agora deve-se realizar o fortalecimento do grupo. Outro entrevistado diz ser agora valorizado, pois, todos têm direitos iguais e têm oportunidade de crescer juntos, mas que ainda há falhas no processo. Outro entrevistado destaca que ampliou seu leque de conhecimentos, principalmente no que tange o uso de defensivos naturais, entretanto este admitiu que não coloca em prática os aprendizados repassados pela COOPOXIN. Dois destacam que para além do processo organizativo, ou do modo de trabalhar a terra, ou seguir normas, houve uma mudança em sua visão de mundo e de proteção do meio ambiente, que vendendo um produto de qualidade há por parte dos mesmos uma sensação de conquista. Em uma fala destaca-se, Que é necessário trazer outras formações para os cooperados entenderem de fato o que cooperativismo, como funciona todo o processo, pois segundo ele a discussão está muito desgastada.

Em relação a questão sobre quais as ações que participou sobre o tema do cooperativismo. Dois cooperados não lembram de quando foi ou quem ministrou, lembra somente que participou. Uma entrevistada filiou-se no ano de 2011, e não lembra de ter participado, mas destaca que participou de vários cursos e palestras ofertados pela COOPOXIN. Três dos entrevistados disseram ter participado e que o curso ocorreu entre os anos de 2007 e 2008 e que foi ministrado pelo SEBRAE/STTR e FVPP e que abordava temas de cooperativismo e administração de finanças.

Perguntados sobre como avaliam o curso de cooperativismo, três entrevistados afirmaram que foi uma ação positiva que ampliou os conhecimentos, mas não é colocado em práticas. Dois avaliam que foi muito proveitoso e que despertou um novo olhar (“uma semente foi jogada, muitas nasceram e produziram frutos, já outras não chegaram nascer”). Sobre o planejamento e organização da propriedade, o curso despertou um sentimento que "devemos olhar a nossa propriedade como uma empresa que gera lucros e gastos e que deve ser avaliada constantemente para que possa gerar cada vez mais lucros". Outro avalia que a cooperativa é cooperar, e que gera desgastes no processo caso não tiver a união do coletivo.

A sétima e última questão foi sobre que acham de estudar e debater sobre o tema cooperativismo. Todos foram enfáticos que o curso foi importante, mas que é necessário outro curso formativo para todos entenderem seu papel dentro do contexto do cooperativismo. Um entrevistado disse que "estamos desatualizados, não podemos nos prender em somente vender o cacau, mas devemos discutir a nossa ação dentro do processo como um todo". Outro destaca que seria importante realizar intercâmbios para conhecer a realidade de outras cooperativas,

para verificar outros métodos para melhorar a ação/participação/relação e entendimento dos cooperados.

É importante ressaltar nas respostas que abordaram de forma específica sobre o cooperativismo, há um destaque para as questões comerciais e agregação de valor aos produtos, mas também há uma grande preocupação com a organização no processo de cooperativismo, sentindo-se como parte latente da cooperativa, no sentido não somente de valorizar o produto, mas com um olhar reflexivo sobre a cooperativa onde deve haver o envolvimento de todos, com valorização social e ambiental, procurando interagir com outras cooperativas, no sentido de melhorar processo organizativo. Deixando claro que a organização é uma conquista de todos, e sendo esta a melhor ferramenta de poder e organização dos mesmos. Não é possível deixar de registrar a visão dos cursos que são ministrados pelo SEBRAE, tendo o mesmo uma visão empresarial, já o processo de cooperativismo onde está inserida a COOPOXIN, faz o debate da economia popular e solidaria. Talvez esteja neste ponto onde a COOPOXIN pode melhorar, trazendo outro curso com uma dinâmica que dialogue com o processo de luta e de organização dos cooperados.

Desse modo os cooperados veem na COOPOXIN um espaço de transformação social, valorizados e sentindo-se orgulhosos pelas conquistas, pois durante muito tempo foram usados por um modelo arcaico de cooperativismo, onde havia um jogo de cartas marcadas, e nestas experiências passadas não havia este sentimento de conquista.

O surgimento da COOPOXIN renova o sentimento de uma agricultura onde os povos do campo possam ser reconhecidos como sujeitos capazes de fazer negócios e crescendo coletivamente. Segundo nos fala o entrevistado senhor Aparecido, quando traz a experiência da COOPERFRON, na qual não havia uma interlocução entre os cooperados, assim como não havia uma definição clara dos objetivos. Na fala dos entrevistados é explicitado que entendem que fazem parte do processo e têm como objetivo o crescimento coletivo.

3.3.2 O CURSO SOBRE BIOAGRICULTURA

O curso teve como objetivo realizar um estudo teórico e um treinamento prático em manejo de Bioagricultura, abordando os processos para adequar as práticas de fertilização, prevenção e controle de pragas e doenças das culturas, atendendo aos critérios das principais normas de certificação e visando o aumento da produtividade. O curso foi proposto pela

COOPOXIN para trazer novas formas de manejo e combate de doenças, o mesmo foi ministrado pela HS Bioagricultura e consultoria em abril de 2016.

No curso foram abordados os seguintes conteúdos:

- ✓ Remineralização do solo: reposição da reserva nutricional, com pouca solubilidade através do uso do pó de rocha.
- ✓ Revitalização do solo e micro ambiente: estimular a vida biológica, ciclagem e digestão de rochas e carbono, através da aplicação de Bio-calda enriquecida com microrganismos coletada na própria propriedade.
- ✓ Tonificação das plantas: através de aplicação de bio-calda via folear enriquecida com micronutrientes e microrganismos que também proporciona a defesa da planta contra pragas e doenças:
- ✓ Coleta dos microrganismos na reserva a propriedade e preparação ao uso a aplicação do material preparado.

O esquema adotado no curso está apresentado na Figura 3. Onde primeiro deve-se remineralizar e revitalizar o solo, segundo controle biológico e tonificação da planta, por último os tratos culturais. Todos estes passos devem ser seguidos para um bom desenvolvimento das plantas.

Figura 3. Esquema geral sobre a bioagricultura



No primeiro dia do curso foi realizada uma abordagem teórica sobre o cultivo e manejo orgânico das plantas e as alternativas, foi explanado que o fator principal para uma boa cultura é o manejo do solo. Foi explicado que a remineralização é a camada abaixo da primeira camada do solo, é necessário fazer a reposição de reserva nutricional em terrenos com pouca solubilidade, contribuindo para recuperação de solos, aumentando a produção de nutrientes essenciais para um bom desempenho das plantas, sendo utilizado neste processo alguns minerais,

que no casos dos produtores orgânicos, tem-se o pó de rocha, por ser um produto natural, podendo ser encontrado facilmente. No caso das lavoura do cacau é aconselhável que seja utilizado no máximo duas toneladas por hectare.

Também foi explanado que a tonificação é como uma biocalda, agindo na parte foliar, transferindo a tonificação para a raiz, soltando na rede celular, e desse modo, desenvolve um papel importante fazendo com que a planta libere o ácido fosfórico, disponibilizando-o novamente para o solo e fazendo a ciclagem dos nutrientes.

O instrutor explanou que a biocalda é um composto líquido feito com diversos componentes minerais misturados aos materiais orgânicos como o esterco, melaço ou rapadura e plantas. Os ingredientes usados podem variar de uma região para outra, podendo ser substituído com os produtos disponível na propriedade. A mistura fermentada produz um composto rico em vitaminas e hormônios importantes para o equilíbrio das plantas. Foi indicado no curso que a concentração ou quantidade que deve-se misturar com a água no momento da aplicação dependerá da cultura. Podendo ser aplicada no solo e nas folhas, pois as plantas têm a capacidade de absorver substâncias/nutrientes pelas raízes e folhas. Foi destacado no curso que além de alimentar as plantas, a biocalda funciona como defensor natural contra insetos, ácaros, fungos, bactérias, nematoides e outros. A biocalda nutre as plantas deixando-a forte e resistente.

Segundo o instrutor do curso, a biocalda para ser utilizada deve ser utilizada nas seguintes etapas:

- ✓ Lançamento de folhas: aplicar nas folhas ou no solo para adubar e proteger contra “pragas”; se usar a biocalda no solo sempre observar as fases da lua que neste caso deve ser aplicado na lua minguante; se for usar como foliar, aplicar na lua nova ou crescente; em outras luas pode não surtir o efeito desejado,
- ✓ Floração: aplicar nas folhas para diminuir a perda das flores. Neste caso usar a biocalda na lua nova ou crescente, para ter efeitos positivos, somente pode-se aplicar no final da tarde, pois antes e depois deste período os estômatos da planta estão aberto e pode ter problemas.
- ✓ Período de safra e temporão: aplicar nas folhas para proteger os frutos e diminuir a perda de frutos novos. No espaço do pousio, antes e depois da poda, deve-se fazer a aplicação adubação e tonificação do solo e foliar.
- ✓ Entressafra: usar no solo antes da poda. Depois da poda aplicar no solo, caule e folhas para adubar e remineralizar o solo.

- ✓ Plantio: aplicar no solo, no composto ou na adubação inicial para fortalecer a muda.

O instrutor frisou que todas as biocaldas têm vida, seja biocalda, biocomposto, podendo ser enriquecida com elementos como boro, zinco e manganês para ser usado na florada; potássio e fósforo no período da frutificação. Estes componentes enriquecem as caldas, e são encontrados nas plantas. Foi explicado que toda planta só absorve 4% dos preparados que são aplicados, devido a este fato é obrigatório o planejamento das ações.

No segundo dia, as aulas foram práticas, nas quais houve a coleta de microrganismos decompositores, aonde há três dias já havia sido colocado material para a captura, que neste caso foi arroz cozido sem óleo ou sal e colocado na mata sobre um pedaço de plástico.

Todos os participantes realizaram tarefas em relação ao preparo da calda, no sentido de coletar microrganismos, e todos os preparos para confecção da calda, atentos a todos os detalhes, sempre dialogando com o instrutor.

No entendimento dos entrevistados acerca de como os cooperados entenderam a ação desenvolvida pela cooperativa no caso do curso de bioagricultura, dois disseram que foi muito positivo, pois os cooperados têm agora a opção de tratar melhor as lavouras sem haver a contaminação do meio ambiente. Um destaca que foi uma ação importante que melhora o sistema produtivo, mas que mesmo sendo um curso aberto para todos não houve uma participação expressiva por parte dos cooperados. Dois destacaram ser uma atividade muito importante, pois os cooperados podem tratar a terra e as plantas sem o uso de agrotóxicos, tendo a opção de tratar melhor as suas plantações no sentido de fertilização e crescimento, e que agora tornaram-se referência para os demais produtores da comunidade. Estas formações contribuíram como um importante aprendizado como ética ambientalizadora na relação homem-natureza, tornando-se um aprendizado social, onde os mesmos passam a ser referência quando outros agricultores buscam informações sobre alternativas de produtos biológicos para o combate de insetos.

Na segunda questão, foi perguntado qual o objetivo do curso. Três entrevistados alegaram que o curso trouxe novos ensinamentos sobre o modo de trabalhar a terra e combater pragas que infestam as lavouras, de modo alternativo. Dois entrevistados destacaram que o objetivo principal seria fortalecer os sistemas de produção e o fortalecimento das diversas plantas, com ênfase no melhoramento da produção, adubação, preparação de biocaldas, sequestro de microrganismos do meio ambiente.

Na terceiro ponto foi questionado qual o conteúdo abordado. As respostas foram variadas, dois entrevistados disseram que o conteúdo foi biocalda, sequestro de microrganismo para combater pragas e insetos, outro falou que foi sobre revitalizar o solo, multiplicação de fungos e bactérias. Outro cooperado disse que o curso foi voltado para o plantio e tratos culturais, plantio e colheita, respeitando as fases da lua, outro diz que foi de bioagricultura, manejo do solo e controle de insetos.

Na quarta questão em que foi abordada a metodologia do curso, todos foram unânimes quando disseram que ocorreu as aulas teóricas na ECFR e práticas em uma propriedade orgânica.

Em relação a como avaliam o curso, e o que poderia ser melhorado, assim como o que acharam do instrutor, dois avaliam que foi muito positivo, pois o instrutor usou uma metodologia própria para cacauicultores, facilitando o entendimento, deixando claro todos os pontos. Três destacam que foi muito proveitoso, adquiriram muito conhecimento, havia clareza no repasse das informações, porém, deveria ser melhor aproveitado pelos cooperados.

Na sexta questão a pergunta se deu no sentido dos mesmos responderem o que entenderam da proposta do ponto de vista ambiental social e político. Se trouxe uma nova concepção de trabalhar a produção orgânica. Houve respostas complexas, pois a maioria entendeu como uma ação positiva de que agora tem a oportunidade de utilizar produtos que não agredem o meio ambiente, podendo ser utilizado vários produtos existentes na propriedade, ampliando a visão que não podemos nos fechar para o conhecimento, pois com a participação temos a oportunidade de melhorar a nossa visão como um todo.

Na sétima questão sobre o que implementaram depois do curso, dois responderam que não fez a calda, mas viu o resultado no vizinho, onde deu um resultado positivo. Outro respondeu que fez a calda e outras receitas, pois o curso abriu a visão para muitas outras alternativas que podem ser utilizadas na propriedade. Outro diz que não utilizou a calda feita no curso. Um entrevistado respondeu que fez a calda e utiliza uma vez por mês no cacau, e que a lavoura melhorou a frutificação, e que houve uma revitalização nos legumes da horta.

Os entrevistados avaliam as ações como positivo, pois ampliou os conhecimentos e já têm uma ideia concreta de como colocar em prática para melhorar o sistema produtivo sem agredir o meio ambiente. Um cooperado destaca que estes cursos devem ter continuidade para avaliar melhor os resultados, e que através dos cursos trazidos pela COOPOXIN, torna o

trabalho mais leve, mudando o modo de trabalhar, e havendo nestes espaços trocas de experiências.

Dos entrevistados, apenas um não utilizou a calda alegando falta de tempo, e por sua lavoura ser nova e em sua concepção não necessita ainda destes tratamentos culturais. Os demais usaram a calda e visualizam os resultados obtidos como positivos, dizendo que não deixam faltar estes produtos alternativos em seus sistemas de produção, pois os resultados são visíveis.

Nas entrevistas sobre bioagricultura, pode-se perceber que há um maior envolvimento, talvez por ser um tema importante na visão dos cooperados, ou podendo ser também devido à dinâmica e o modo de abordagem do palestrante, mas as respostas eram claras, importante ressaltar que todos sempre lembravam de um tema ou assunto que o outro não tinha falado. Dos entrevistados, somente um não colocou em prática o aprendizado.

Valorizando o curso e entendendo ser este muito importante para os sistemas de produção orgânica, os entrevistados sentiam prazer em responder as questões. Percebe-se que há forte ligação dos cooperados com o meio ambiente, sentem-se parte dela e este fato fica claro quando falam do curso de bioagricultura. Como apresentado por Higuchi, Zattoni e Bueno (2012, p. 10):

A natureza não é um lugar para onde vamos, mas um espaço que deve estar presente em nossas relações. Portanto, conhecer, sentir, tocar, admirar, se envolver, se apropriar numa relação de pertencimento sem barreiras pode ser um bom começo para o estabelecimento de uma nova ética e novos comportamentos de respeito e cuidado.

Quando alguns dos entrevistados falam sobre a relação entre o homem e a natureza, percebe-se que há todo um cuidado, tratando a terra como um bem precioso, onde há um significado e envolvimento no sentido de ampliar e divulgar os modos de produção dentro de um processo de ação e transformação do ambiente, onde pode haver desenvolvimento, mas que não seja agressivo à natureza.

A COOPOXIN desenvolve um papel importante não somente quando proporciona cursos e palestras, mas reuniões e assembleias para troca de saberes, desse modo a educação popular e o conhecimento tradicional das famílias passam de pais para filhos, transformando e realizando a transformação na sociedade, sobre isso relata Rodrigues e Tamanini (2012, p.02).

A Educação é chamada também a transpor os muros da escola, para os espaços da casa, do trabalho, do lazer, do associativismo e outras atividades afins. Configura-se assim um novo campo da Educação que aborda processos educativos fora das escolas ou não, em processos organizativos da sociedade civil, abrangendo organizações sociais e não governamentais, movimentos sociais estratégicos, ou processos educacionais articulados com a escola e comunidade.

Neste espaço, realizam seus processos formativos, usando as ferramentas que possuem, que neste caso é a forte ligação com o movimento social, em projeto onde a educação ultrapassa o currículo tradicional, sendo utilizadas as atividades agrícolas para luz do conhecimento, discutindo seus problemas e fazendo análise da realidade, buscando de forma coletiva a solução para os problemas e as dificuldades do grupo.

Importante ressaltar que a COOPOXIN realiza um processo de educação popular para seus cooperados. A troca de experiências para socialização dos saberes. Este conhecimento/saber permite a ampliação do saber popular. Sobre os processos educativos nos ambientes não escolares, nos fala Rodrigues e Tamanini (2012, p. 03):

A história da Educação no Brasil vem se constituindo como área de conhecimento e área de intervenção social, fruto da interferência significativa dos Movimentos Sociais em diferentes conjunturas sociais políticas e econômicas. O debate sobre a educação das classes populares e sua inserção nas políticas públicas está profundamente vinculado às transformações do trabalho e conseqüentemente à estrutura política de estado.

Desse modo, a COOPOXIN e seus colaboradores utilizam uma ferramenta metodológica diferenciada, buscando repassar novos conceitos que não encontram em escolas, garantindo uma formação que dialogue com os problemas e anseios dos cooperados, como atores que discutem e planejam o cenário e o espaço de formação. Como fala uma das entrevistadas, o cooperado torna-se referência na comunidade sendo multiplicadores de novos conceitos e ideias, que não são repassados em ambientes escolares. Sobre isto escreve Von der Weid (2009, p.18):

A organização cooperativa, além do seu sentido econômico, constitui-se, assim, em uma escola, onde se gera conhecimento, produz-se aprendizagem a respeito da vida na realidade social, certamente com profundo reflexo no processo de educação mais amplo da sociedade, deitando nela raízes de muitos de seus valores e comportamentos sociais. Dessa forma pode vir a contribuir com o desenvolvimento local.

Através dos cursos e palestras é possível repaginar os cenários agrícolas, de modo que construir e repassar conhecimento para transformar não somente seu modo de produção, mas, deixando como legado um modelo de transformação, através das práticas repassadas para a sociedade, como fala uma entrevistada "os cursos mudaram meu entendimento, o modo de trabalhar a terra, de seguir normas, uma coisa que vai para além da cooperativa todos deveriam colocar o conhecimento em prática, mudou minha visão de mundo e o meio ambiente".

Percebe-se claramente que os entraves da COOPOXIN se dão devido os cooperados ainda não perceberem totalmente o que significa cooperativismo, que neste caso seria cooperar, não somente vender coletivamente, ajudar-se mutuamente, ainda é muito forte o individualismo

onde alguns trabalham fechado em sua pequena propriedade e não entendem que a cooperativa é de seus cooperados, que para dar um resultado necessita do empenho e da cooperação de todos. Destaca-se a fala de entrevistado:

O curso me despertou um novo olhar, foi jogado uma semente, algumas morrerão, mas as que ficaram ainda permanecem e cresceram. Muitos entravam com uma visão de ganhar dinheiro, precisamos pensar na cooperativa como um todo, para ficar bem, meu parceiro também precisa estar bem. Isto é cooperativismo.

Sobre os fundamentos do cooperativismo e a avaliação crítica de sua prática, Frantz (2010, p.16) argumenta que:

A reflexão, na análise crítica, na avaliação do sentido da cooperação, é um dos elementos de garantia de estabilidade organizacional e institucional, de validade social do cooperativismo. Quando, porém, falha a reflexão, a crítica, a avaliação, corre perigo a estabilidade e a validade das instituições, especialmente no caso de cooperativas. Corre perigo o projeto cooperativo como um espaço de organização democrática, de participação, de qualificação política e técnica de seus integrantes. Um dos fundamentos do cooperativismo é a democracia. A democracia não é um fim em si mesmo, mas constitui um caminho de relações políticas sem o qual o projeto cooperativo se fragiliza. A reconstrução da supremacia da política sobre a economia, mediante a democracia, parece ser condição fundamental a um projeto cooperativo.

Em relação a isto, nas entrevistas foi possível observar que mesmo com experiências negativas de outros processos de cooperativismo, os mesmos colocam uma expectativa real sobre o sucesso da COOPOXIN, percebe-se que há por parte dos cooperados um orgulho em fazer parte de uma organização que traga resultados positivos e que os respeite como integrante deste processo.

Ao observar o modo de vida dos cooperados percebe-se que a opção por uma agricultura orgânica ultrapassa a possibilidade de simplesmente substituir o uso de agrotóxicos, mas, de se tornar um modo de vida integrado com a natureza, reutilizando os próprios recursos naturais como forma de preservá-los, buscando meios que torne a propriedade sustentável, não apenas para o presente, mas também para a utilização das gerações futuras. Como fala dos entrevistado:

O curso de bioagricultura, mudou minha mente, mostrando que posso trabalhar, de uma forma onde posso olhar a terra como meu bem precioso, posso utilizar produtos que tenho na propriedade, para melhorar minha produção, sem agredir o meio ambiente, sinto orgulho de hoje pessoas virem em minha propriedade em busca de informações para trabalhar melhor a terra, sei que hoje posso deixar algo para as gerações futuras, é que isto somente foi possível através das oportunidades que tive na COOPOXIN.

A busca por mais saúde e qualidade de vida tem aumentado muito a demanda de alimentos saudáveis oriundos desses sistemas agroecológicos. Por sua vez, a agricultura familiar será a primeira a atender esta demanda, desenvolvendo suas próprias tecnologias com base no saber popular e na agricultura tradicional. Contudo, a melhoria da produção e o uso correto dos recursos naturais nesses sistemas necessitam do desenvolvimento de pesquisas, busca constante de parcerias institucionais, organização de produtores que incentiva a agregação de valor na comercialização e valorização das famílias dos produtores que acreditam na produção orgânica, com apoio de suporte de formação.

Nesse sentido a formação seria para partilhar o conhecimento científico, tecnológico e empírico dos envolvidos, visando o aumento da produtividade e da qualidade da produção orgânica da COOPOXIN, como também debater sobre ações cooperativistas, e nesse sentido, buscando fortalecer a organização e os cooperados, a organização social do segmento, a obtenção de financiamentos junto às instituições de crédito para melhorar as unidade de produção que sugerem a apresentação de formas de acesso ao mercado que agreguem valor e geração de renda na agricultura familiar sustentável e viabilizem a inclusão social na área rural. Como também visa melhorar a relação dos cooperados com o mundo exterior.

Sobre este tema, Presno (2005, p.09) vê como um processo permanente de capacitação para cooperados.

A capacitação deve ser usada também para reforçar a relação com os membros, e deve contribuir tanto para o desenvolvimento de uma identificação com a cooperativa, como para a própria organização democrática e o reforço dos laços entre os próprios cooperados. Assim, estaria contribuindo paralelamente para a adequação da organização às necessidades dos membros e cimentando suas potencialidades de desenvolvimento futuro. Desta forma, os valores cooperativos serão o espírito que inspirará a articulação das estratégias competitivas, contribuindo para a construção dos laços entre os cooperados e com a sua cooperativa

Olhando por esta ótica, percebe-se que há uma necessidade urgente de formação tanto no âmbito organizativo, quanto pelo ponto de vista do companheirismo, da importância de reunir-se e planejar o dia-a-dia da cooperativa, fazendo-os perceber que precisam um dos outros e que os mesmos tem uma ferramenta importante que a cooperativa e que a mesma tem um canal de vendas direta nacional e internacional. Assim como, deve-se discutir sobre o individualismo, para deixá-lo de lado e pensar coletivamente em todo o processo, como uma saída para o fortalecimento do grupo.

São desafios que precisam ser superados, mas vem de um processo de reflexos de experiências de cooperativas que não deram certo, pois a mesma tem um pensamento

imediatista que na época era somente a aquisição do crédito agrícola sem um planejamento a longo prazo.

No caso da COOPOXIN, falta os cooperados entenderem a importância da cooperativa inclusive como meio de transformação ambiental e social, mas este é um processo que precisa vir dentro de um planejamento do processo formativo que deve ser imediato, para que os mesmos possam colher os resultados, inclusive para a garantia de reprodução social da agricultura familiar.

Passando por um olhar reflexivo, observa-se que apesar de todos os problemas para o sucesso do cooperativismo do Brasil, de modo especial para cooperativa de agricultores familiares, existe uma grande dificuldade no sentido da organização social, talvez seja devido não ter colocado em prática o aprendizado sobre o curso de cooperativismo, pois de nada valerá realizar o processo formativo, e dar uma continuidade.

No Quadro 1 percebe-se muitas formações, mas de modo geral são muitas que estão na linha das práticas de manejo, mesmo tendo vários nesta área é necessário ter um acompanhamento para que o resultado seja positivo. Os cooperados durante as entrevistas colocam a COOPOXIN como uma ferramenta importante de organização, mas enfatizam que deve haver outras formações no sentido do melhor entendimento sobre o tema cooperativismo.

É possível observar que dos dois temas abordados neste trabalho, o curso sobre cooperativismo foi o que tinham mais dificuldade de lembrar. Já sobre o tema Bioagricultura havia por parte dos mesmos uma melhor desenvoltura, ou seja, o curso prendeu a atenção dos mesmos, pelo que ficou explanado. Entende-se que este fato se deu devido a metodologia do instrutor, o que nestes casos, é primordial para um bom processo de ensino aprendizagem, como também pelo fato da realização de espaços para teoria e prática. Acredito que deste modo facilitou o conhecimento, ou por ser algo que dialoga diretamente relacionado com as necessidades diárias dos cooperados, sobre este tema Gadotti aborda (2012, p.11)

Aprender através da atividade produtiva não significa limitar a aprendizagem do educativo a um quefazer técnico-produtivo: a educação popular comunitária deve possibilitar aos educandos o acesso a um saber mais geral exigido para o acesso a outros níveis de escolaridade e de trabalho. Aprender a partir da atividade produtiva tem implicações na teoria educacional, no currículo escolar e na política educacional. Com a educação popular comunitária o trabalho e a produção, como princípios educativos, foram definitivamente incorporados ao campo da educação popular transformadora

Os processos de educação realizado pela COOPOXIN surte um efeito positivo quando os cooperados tornam-se referências sobre o uso alternativo da terra e dos produtos para combater os problemas encontrados em suas unidades de produção.

As alternativas encontradas pelos agricultores no sentido de enriquecer o conhecimento se dão através do processo de ensino aprendizagem, que pela troca de experiência nos espaços formativos aprendem coletivamente, o acúmulo do conhecimento empírico e tradicional passado de geração a geração, hoje está a luz da realidade, quando costumes e práticas antes esquecidas, são usados para resolver os problemas da atualidade, rebatendo os sistemas e pacotes tecnológicos onde há todo apelo ao uso de agrotóxicos.

Os sistemas convencionais mostram um rastro de destruição não somente econômico, mas social e ambiental, e o modo encontrado pelos agricultores para rebater este fato foi organizar-se em movimentos de classe, no intuito de encontrar um mecanismo de organização dos interesses da categoria, criando não somente raízes nesta região, mas uma opção de vida, interagindo com a natureza em perfeita sintonia.

Por fim acredito no potencial organizativo do cooperativismo, mas ficou claro nas entrevistas que será preciso trazer outros espaços formativos para dentro da organização. É notória a credibilidade dos cooperados em relação a COOPOXIN, e que a educação não formal feita pela cooperativa precisa ser ampliada no sentido da formação sobre o tema cooperativismo. Pois, trabalhar coletivamente requer uma dedicação constante de aprendizado, sendo um campo aberto para o conhecimento de práticas inovadoras.

4 CONCLUSÃO

O trabalho de pesquisa possibilitou entender os processos de formação realizados pela COOPOXIN, podendo analisar a visão e percepção dos cooperados sobre dois temas que entendo serem relevantes para a pesquisa, pois o tema Cooperativismo a partir dos resultados das entrevistas percebe-se formatado em uma campo muito teórico, economicista e empresarial em uma dinâmica que talvez não tenha envolvido os cooperados, diferentemente do curso de Bioagricultura onde foram unânimes em relatar que a forma de ministrar o curso intercalando teoria e prática tornou mais fácil o entendimento.

Através das entrevistas pode-se perceber que há um envolvimento e preocupação com o desenvolvimento da COOPOXIN. A discussão sobre a cooperativa é relevante, pois

contribui para o desenvolvimento sustentável rural, pois foram usados os métodos formativos em várias áreas de conhecimento, desse modo desenvolvendo um papel fundamental que agrega valores, conceitos e tradições intercalando com os conhecimentos técnicos e científicos, tornando-se um elemento de educação transformadora que tem a capacidade de dialogar com vários seguimentos para trazer esclarecimentos e fortalecimento do grupo. A COOPOXIN desenvolve uma função importante no município de Brasil Novo, pois aborda assuntos importantes como o sistema agroecológico e comercial. Ficam como exemplos a iniciativa da COOPOXIN em realizar as formações nos diversos espaços utilizando como ferramenta metodológicas seminários, cursos, palestras, reuniões entre outros para realizar as trocas de experiências entre os diversos setores, tendo como norte o melhoramento das atividades produtivas.

Para além disso é preciso destacar que a COOPOXIN realiza um processo de formação político social, sendo hoje uma parceria direta da Escola Comunitária Casa Familiar Rural (ECCFR), onde realiza cursos e palestras sobre assuntos relacionados aos mais variados assuntos como: cooperativismo, sistemas de produção orgânica, manejo de propriedades, entre outros, levando uma discussão democrática, ética e ambientalizadora na relação homem-natureza, para dentro da ECCFR, onde estes jovens são multiplicadores de ideais, e como transformadores podem inovar suas práticas produtivas, onde estas relações surtem resultados positivos.

Importante ressaltar que os processos formativos trazidos pela COOPOXIN, afetam positivamente direta ou indiretamente todo o município, a COOPOXIN participa de várias palestras, cursos e reuniões nas comunidades debatendo a importância da produção orgânica. Interfere diretamente nas políticas públicas, pois têm representante nos conselhos de saúde, meio ambiente e merenda escolar, propondo ações de prevenção no combate de muitos problemas nas áreas de saúde relacionadas ao uso dos agrotóxicos, trazendo este debate para outros espaços de formação, realizando um processo político ideológico discutindo práticas e saberes que aos poucos vão mudando os discursos e práticas da sociedade.

Por fim, acredito que para o fortalecimento do grupo será necessário que a COOPOXIN traga para dentro da instituição cursos com bases na economia solidária, atingindo o objetivo é a necessidade de trabalhar a questão do cooperativismo com um olhar voltado para a educação popular para o fortalecimento da organização.

REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. BOFF, Clodovis. Como fazer Teologia da Libertação. Petrópolis: Vozes, 2010
- BROCH, Alberto. TORTELLI, Altemir. STÉDILE, João Pedro. A Agroecologia e os movimentos sociais do campo. In: PETERSEN, Paulo (Org.). Agricultura familiar camponesa na construção do futuro. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.
- HIGUCHI, Gaspareto Inês Maria, ZATTONI, Michelle; BUENOProtti Fernando, Educação Ambiental em contextos não escolares: definindo, problematizando e exemplificando. Pesquisa em Educação Ambiental. V. n. 2 119-131, 2012.
- GRINGS, Benilde, AZEVEDO, de Moraes Neves das Maria. Projeto de Colonização e suas Implicações na área Educacional, 1992.
- GADOTTI, M. Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária, 2012.
conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum, p. 10-32
- FRANTZ, Walter. Práticas Cooperativas Como Processos Educativos. Revista Contexto & Educação, [S.l.], v. 25, n. 83, p. 133-152, maio 2013.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- PETERSEN, Paulo (org). Agricultura familiar camponesa na construção do futuro. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.
- PRESNO, Amodeo Beatriz Nora. Cooperativas de Agricultores Familiares: Foco na Competitividade para o Desenvolvimento Rural: DER/UFV, 2005.
- RODRIGUES, Deneusa; TAMANINI, Elizabete. Educação não Formal e Movimentos Sociais-Práticas Educativas nos Espaços não escolares. IX Anped Sul – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, Caxias do Sul. 2012
- SCHMITT, C. J; TYGEL, D. Agroecologia e Economia Solidária: trajetórias, confluências e desafios. In: PETERSEN, P. Agricultura familiar camponesa na construção do futuro. Rio de Janeiro: AS-. PTA, 2009.
- ZAMORIN, Brenda Glaude Arrais Cruz. Amêndoa de cacau de alta qualidade na Transamazônica: as práticas dos agricultores familiares em função das exigências do mercado. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Amazônicas) - Universidade Federal do Pará. Carla Giovana Souza Rocha (Orientadora). Belém, 2017.

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE

CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA NATUREZA

Nome _____

Idade _____, estado de nascimento _____

Endereço _____

I- BIOAGRICULTURA

I- Como os cooperados entenderam a ação desenvolvida pela cooperativa? Curso da bioagricultura (técnica, os princípios que estão em torno-agroecologia, não agrotóxicos);

-Qual foi o objetivo do curso;

- Qual o conteúdo abordado;

- Qual a metodologia adotada no curso?

- Como avaliam o curso, o que poderia ser melhorado; o que achou do instrutor;

-o que entenderam da proposta do ponto de vista ambiental, social, político (trouxe uma nova concepção para você de como trabalhar a produção orgânica...)

- O que implementaram depois;

- Como avaliam as ações? Quais os resultados obtidos? O que mudaram após a ação que participou?

- Continuam utilizando? Caso não, porque não continuam?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE

CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA NATUREZA

Nome _____

Idade _____, **estado de nascimento** _____

Endereço _____

II- COOPERATIVISMO

- Quando entrou na cooperativa, qual a sua visão de cooperativismo?
- Que visão de cooperativa foi passada pelas direções da COOPOXIN?
- Qual a sua visão sobre cooperativismo?
- Ao longo do tempo, o que achas que mudou na sua visão ou forma de trabalhar na cooperativa?
- Participou de quais ações da cooperativa sobre o tema do cooperativismo/organização?
Quando aconteceu esta discussão?
- Como avalia esta ação?
- Acha importante estudar mais/debater o tema do cooperativismo?